

Jacson Guerra
Araújo é Presidente
do Conselho de
Administração do
Sicoob Credimepi

Entrevista
"Conseguimos
conectar pessoas
para promover
justiça financeira
e prosperidade."

03

R\$ 3,00

CIDADES MINERADORAS

Médio Piracicaba • Médio Espinhaço • Centro Leste de Minas | www.defatoonline.com.br

ano
08

edição
82

Abril 2021

Economia X Pandemia

Para além dos cuidados com a saúde, a pandemia do novo coronavírus impactou diretamente no bolso dos brasileiros. Entenda como as cidades da região conseguiram lidar com o fechamento do comércio, o superfaturamento das mineradoras e os setores que encontraram crescimento em meio à crise.



Foto: Arquivo pessoal



A economia na pandemia

Rita Mundim é economista, mestre em Administração e especialista em Mercado de Capitais e em Ciências Contábeis

Me deparei com um texto do professor Stephan Kanitz que vai de encontro com meus pensamentos: a maioria da população brasileira, abalada por perdas de vidas, empregos e sonhos, não consegue ver a boa mudança na gestão do dinheiro público promovida pelo governo de Bolsonaro.

A semelhança entre parte dos pensamentos dele e dos meus, é a ponta de otimismo em relação ao futuro do País, apesar da pandemia.

Das propostas de campanha, o liberalismo econômico com menor presença do Estado na economia, conduzido pelo super ministro Paulo Guedes, foi o que mais atraiu o voto do eleitor. A saída do capitalismo de Estado, que vigorou nos governos petistas, é um modelo que faliu com a descoberta do maior esquema de corrupção da história.

Foto: Arquivo pessoal



Impactos da pandemia na gestão financeira do HNSD

Robson Mendonça é Superintendente Administrativo do HNSD, Formado em Administração com MBA em Gestão de Saúde pela FGV

O Hospital Nossa Senhora das Dores (HNSD) enfrenta, desde março de 2020, os mesmos desafios de diversos hospitais filantrópicos espalhados pelo país, sendo que nos últimos meses, com o agravamento da pandemia, a realidade ficou mais dramática.

Em Minas Gerais existem aproximadamente 300 instituições sem fins lucrativos que, como a Irmandade Nossa Senhora das Dores - mantenedora do HNSD -, realizam um importante trabalho na área da saúde.

Durante 2020, o HNSD teve que se adaptar a diversos desafios gerados pela pandemia nos aspectos financeiros e na gestão hospitalar em geral. É importante ressaltar que, além dos atendimentos a pa-

cientes Covid-19, o HNSD continua como referência microrregional em urgência e emergência, traumatologia, maternidade, hemodiálise, média complexidade e terapia intensiva, além de referência macrorregional em alta complexidade em oncologia e hemodiálise.

O HNSD foi impactado por diversas medidas e situações necessárias ao enfrentamento da pandemia, como a suspensão de cirurgias eletivas, redução de atendimentos no Centro Cirúrgico e baixa taxa de ocupação, realidades que geraram redução das receitas. Outros impactos ocorreram por conta do custo fixo e da readequação de investimentos nas estruturas de internação e UTI's para manter alas e fluxos de atendimento separados.

Vale citar ainda o elevado turnover e o aumento nos protocolos de segurança. Em 2021, tivemos novos impactos: aumento no consumo e

No terceiro trimestre de 2020, a economia brasileira cresceu 7,7% em relação ao segundo trimestre e 3,2% no quarto em relação ao terceiro. A flexibilização das medidas de isolamento social resultou na recuperação econômica, medida pelo recorde de geração de empregos com carteira assinada, já em 2021.

Mas, o Brasil viu um trágico colapso do sistema de saúde. Apesar da gravidade, a capacidade de sairmos dessa segunda onda é maior do que tínhamos na primeira. O mundo deve crescer 6%. Infelizmente, corremos o risco de perder parte dessa janela de prosperidade global se o Congresso brasileiro focar suas energias na CPI da Covid e nas eleições de 2022. Como diria o grande economista Pedro Malan: "no Brasil, o futuro é duvidoso e o passado é incerto".

E, vou me permitir encerrar usando as palavras de Kanitz. "Vamos, anime-se, e seja mais ativo politicamente. Esse é o nosso verdadeiro problema."

nos preços de medicamentos, gases e EPI's; ocupação máxima de leitos clínicos e UTI's; restrição de atendimentos nos Ambulatórios, Pronto Atendimento e Centro Cirúrgico.

Ao lado desta nova realidade, ainda persiste a redução das receitas e o desabastecimento de medicamentos essenciais. Em 2020, o Governo Federal lançou um conjunto de medidas de auxílio financeiro que possibilitaram investimentos no combate à pandemia e suspensão da obrigatoriedade de manutenção das metas de contratualização. Isso foi de suma importância para que o HNSD conseguisse equilibrar as contas.

Outra medida implantada foi a redução da jornada de trabalho para os serviços administrativos, amenizando assim o custo da folha de pagamento. Assim, o HNSD está contando com o apoio da Prefeitura, Vale e muitos outros segmentos da sociedade para vencer este momento.

EDITORIAL

É até contraditório: pandemia precisa necessariamente rimar com economia

"Nada tenho a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor", discursou Winston Churchill, num dos momentos mais dramáticos da Segunda Guerra Mundial. O Reino Unido sofria intenso bombardeio da "imbatível" Força Aérea Alemã (Luftwaffe). A defesa britânica tinha pouca margem de decisão. O primeiro-ministro inglês estava acuado, mas se expressou com convicção. A emblemática oratória de Churchill provocou a mais heroica reviravolta da história da humanidade. Ali foi o começo do fim da aventura expansionista do nazista Adolf Hitler. Essa narrativa remete aos dias atuais. O planeta confronta o seu mais devastador inimigo, em todos os tempos: o Coronavírus. É um embate entre desiguais. De um lado, o ser humano com todas as suas limitações. Na outra ponta, um implacável adversário, invisível e letal. Esse cenário coloca necessariamente em discussão o fatídico dilema: como conciliar vidas humanas com a Economia? Eis aí uma complicada equação. Difícil de ser fechada. Afinal, preceitos econômicos nunca rimam com cadáveres. Porque só existe uma alternativa para a manutenção de índices saudáveis na economia: a preservação de vidas. As notícias são desanimadoras. O batalhão de desempregados aumenta assustadoramente. E pior. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu à "rabo de cavalo" (4,1% pra baixo), no ano passado, um recorde negativo. A pobreza extrema só não é mais acentuada por um único motivo: o Auxílio Emergencial estancou temporariamente a hemorrágica miserabilidade. Mesmo assim, desponta uma tênue luz no fim do túnel. A economia demonstra leves indícios de retomada. Esse movimento sutil é fruto da resiliência dos setores produtivos do país. A historiografia registra marcantes superações dos brasileiros. A chamada "década perdida" (anos 1980) é um exemplo desse comportamento reativo. O cenário atual exige sacrifícios extremos. Sangue, lágrimas e suor ainda escorrerão pelas faces sofridas dessa gente. Resta a esperança de dias melhores. Afinal, a pandemia sinaliza para o renascimento de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. A conferir.

“Esse cenário coloca necessariamente em discussão o fatídico dilema: como conciliar vidas humanas com a Economia?”

EXPEDIENTE

DeFato

Gerente Comercial
Marcelo Eleta
marcelo@defatoonline.com.br

Editores de Jornalismo
Fernando Silva
Tatiana Linhares

Redação
Bruno Andrade
Gustavo Linhares
Luciano Vidal
Victor Eduardo
Wesley Rodrigues

Fotos de Capa
Destaque: Tatiana Linhares/ DeFato
Entrevista: Arquivo Pessoal

Gerente de Produção
Marina Colombo
opec@defatoonline.com.br

Diagramação
Ponte Propaganda
gerencia@pontepropaganda.com.br

Assistente Financeiro
Cleise Martins
financeiro@defatoonline.com.br

“Conseguimos conectar pessoas para promover justiça financeira e prosperidade”

À frente de uma instituição financeira, Jacson Guerra Araújo conta os desafios entre saúde e economia

Foto: Arquivo pessoal

Jacson Guerra Araújo, Presidente do Conselho de Administração do Sicoob Credimepi é graduado em Administração de Empresas com Especialização em Negócios, Finanças e Cooperativismo. Enquanto profissional ele nunca imaginou liderar uma instituição financeira durante uma pandemia. Porém, se diz preparado para encarar de frente tendo a consciência do papel que a cooperativa representa nas comunidades em que atua, como propulsora da economia local. Nessa entrevista, ele conta com a cooperativa vem se adaptando aos tempos de crise econômica.

O Sicoob Credimepi estava preparado para passar por um pandemia mundial?

Nos últimos anos, o Sicoob vem investindo alto em tecnologia, tanto que nosso mobile foi considerado o melhor do Brasil, prêmio e-finance. Além disso, já tínhamos a experiência de atuar sem caixas em algumas cidades de nossa área de atuação. Ou seja, nós já incentivávamos os associados a usarem, na medida do possível, o serviço remoto. Ainda assim, tivemos que fazer algumas adaptações para atender nesse cenário de pandemia. O resultado, diante das circunstâncias, foi bastante positivo.

Quais foram as medidas tomadas pela instituição para resguardar a si e aos associados?

Nós tivemos várias medidas de contenção de propagação do vírus. Criamos 10 diretrizes norteadoras para a cooperativa, pensando em cuidar de nossos associados e das comunidades em que estamos inseridos. Contingenciamos e reduzimos o atendimento no período e restringindo o aces-

so de somente um cooperado por caixa eletrônico. Dentre as ações, incentivamos os associados a realizarem suas demandas digitalmente sempre que possível. Ampliamos a disponibilidade dos serviços digitais pelo App Sicoob e Internet Banking com funções de pagamentos, transferências, cartões, conta corrente, empréstimos, seguros, previdências e até investimentos. Além de ser prática a utilização dos canais digitais, os cooperados ainda recebem R\$0,35 centavos de cashback a cada conta paga por meio desses canais.

Houve algum período que inspirou insegurança ou medo por parte dos clientes?

No início, os associados ficaram bastante apreensivos, principalmente os de setores que sofreram maior impacto. Porém, nós tivemos a empatia e nos colocamos no lugar deles, e procuramos achar soluções para atendê-los no curto prazo. Para isso, realizamos a campanha #ÉTempoDeCooperar que teve como objetivo reduzir os impactos dando continuidade e ampliando a justiça financeira. Assim, alteramos diversas condições comerciais e negociais. Dentre elas a criação de novos produtos, mudanças nas taxas e na carência de diversos produtos, como cartões, linhas de créditos, empréstimos, cheque especial e outros. Também tomamos uma série de ações sociais nas cidades em que atuamos. Iniciamos a campanha com uma doação de R\$85,5 mil reais, e com apoio da comunidade chegamos ao total de R\$129.088,00. Dessa maneira, doamos dois respiradores para o Hospital Margarida; além de R\$80 mil reais para



Jacson Guerra acredita na recuperação da economia regional depois da “vacinação de rebanho” contra a Covid-19

compra de EPI para os 15 hospitais de nossa região de atuação. Patrocinamos um projeto para adquirir impressoras 3d e insumos para produção de máscaras Face Shields em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto em João Monlevade. Doamos refeições diárias aos servidores públicos de serviços essenciais na cidade de Ouro Preto e mais de 125 cestas básicas a projetos em nossa região.

Como você avalia a situação econômica das cidades em que o Sicoob Credimepi atua?

Bom, se compararmos a nossa região com a média nacional e do estado, eu considero que tivemos vantagens graças à forte atividade mineradora que não parou. Dessa forma, nós tivemos um privilégio econômico de pouco desemprego e economia girando. Logicamente, nas cidades com grande influência do turismo, como Ouro Preto e Mariana, houve um impacto maior. As atividades não pararam completamente, foram reduzidas, e houve muita mudança na forma de trabalhar

em diversos setores. Apesar disso, a economia está dentro do caminho dela.

Sob o seu ponto de vista, quais os caminhos possíveis para que a economia brasileira saia menos prejudicada?

Considero as medidas emergenciais do governo positivas neste processo. Empréstimos subsidiados, como Pronampe e Peac para as empresas, e o auxílio emergencial foram altamente positivos, tanto que o nosso PIB acabou ficando metade do previsto inicialmente. Uma medida que considero importante para que a economia se restabeleça, que estamos vendo todos os países fazendo agora, é o investimento forte nas vacinas. É claro que haverá uma disputa, não é um cenário que se resolve no curto prazo, mas acho que essa é a medida importante e essencial.

É possível ter esperanças de ver economia e saúde chegarem a um denominador comum?

Lógico que sim. Havendo a tão esperada “imunização de

rebanho”, a economia voltará à normalidade e a saúde também. Estou muito otimista com relação a isso. Esse foi um ano desafiador. Porém, como cooperativistas e dirigentes do Sicoob Credimepi, temos plena consciência do nosso papel e sentimos que realmente estivemos muito próximos do nosso propósito. Fomos uma das cooperativas que mais fez os empréstimos Pronampe e Peac para os seus cooperados. Direcionamos mais de R\$120 milhões desses dois empréstimos em tempo recorde, mesmo com várias instituições disputando, a Cooperativa conseguiu disponibilizar esse grande volume para seus associados, dando tranquilidade a eles, com um custo bem mais baixo e prazos longos. Tanto que 40% das pessoas que recorreram a essas linhas nunca haviam tomado empréstimos antes da pandemia, e quando tiveram que pegar escolheram o Sicoob Credimepi. Gostaria de destacar como um papel importante que a Cooperativa deixou para a sociedade.

O outro lado da pandemia: o arrocho vivido pelos comércios da região

Empresários encaram ao menos dois desafios: contribuir para o cuidado com a saúde da população e assegurar a saúde da empresa

Comerciantes do Médio Piracicaba têm resistido à passagem da pandemia. No cenário dos últimos meses, com a imposição da onda roxa do plano Minas Consciente, do Governo do Estado, os setores como lojas, serviços e atividades informais permaneceram no epicentro das incertezas econômicas, em um abre e fecha que põe em xeque a sustentabilidade das empresas e o emprego de milhares de trabalhadores.

Ao menos 18 cidades da região anunciaram adesão à onda roxa, fase que impôs o fechamento do comércio não essencial e o toque de recolher entre 20h e 5h. No âmbito da Associação dos Municípios da Microrregião do Médio Rio Piracicaba (Amepi), o pacto reuniu Itabira, Rio Piracicaba, Nova Era, Bom Jesus do Amparo, Bela Vista de Minas, Itambé do Mato Dentro, Barão de Cocais, Ferros, São Gonçalo do Rio Abaixo, Santa Maria de Itabira, Catas Altas, Santa Bárbara, Morro do Pilar, Passabém, Alvinópolis, São Domingos do Prata, Dom Silvério e Sem Peixe.

A partir de 17 de março, o Governo de Minas determinou a extensão da onda roxa, e a impôs aos 853 municípios mineiros. Já na semana do dia 19 de abril, diversos municípios anunciaram flexibilização econômica de setores que estavam sob portas fechadas. Apesar disso, as microrregiões de Itabira e João Monlevade foram mantidas na onda roxa pelo Estado. Conceição do Mato Dentro, por sua vez, avançou à onda vermelha.

Monlevade: 71% já demitiram

A Câmara dos Dirigentes Lojistas de João Monlevade (CDL-JM) divulgou, em abril, uma pesquisa que fornece a dimen-

são da crise provocada pela pandemia da Covid-19 na cidade. Conforme a entidade, de 126 empresas consultadas no município, 71% delas já demitiram ou demitirão funcionários no futuro imediato. Das empresas ouvidas, 68% não tinham quitado os salários dos empregados referentes a março.

Além disso, 42% dos entrevistados não terão acesso a empréstimos da rede bancária. Outro ponto levantado foi que grande parte das empresas está incluída nas listas de proteção ao crédito, comprometidas, principalmente, pelos pagamentos de água e eletricidade. O fornecimento desses serviços pode ser cortado das pessoas jurídicas mesmo durante a pandemia.

Santa-barbarendenses mantêm economia viva em meio à crise

O mercado de trabalho formal na cidade de Santa Bárbara mantém estabilidade apesar das medidas tomadas para conter o avanço do Sars-CoV-2. O equilíbrio razoável de setores empresariais no município é demonstrado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), base de dados do Ministério da Economia. Mês a mês, as empresas informam ao Caged o número de admissões e desligamentos realizados. Assim, Santa Bárbara contratou 2.381 trabalhadores com carteira assinada em 2020, e demitiu 1.665 — saldo positivo, portanto, de 716.

Apesar do avanço da nova onda do coronavírus em 2021, os primeiros meses do ano começaram estabilizados em Santa Bárbara: a variação das contratações e das demissões ficou positiva em janeiro e fevereiro (balanço fechado até a redação desta matéria) com 120 empregos gerados no período.

Se por um lado o Caged indica estabilidade econômica no município de cerca de 30 mil habitantes, por outro, os empresários estão cortando um dobrado para segurar as contas. É o que revela Luiz Antônio da Silva, diretor-presidente da

Associação Comercial e Empresarial e da Câmara de Dirigentes Lojistas de Santa Bárbara (Acisb/CDL).

“Para manterem seus empreendimentos ativos em Santa Bárbara, o que observamos são empresários utilizando de

todas as armas disponíveis para defenderem o negócio: negociação com fornecedores para dilação de prazo, renegociação dos valores de aluguéis, novos empréstimos com juros mais baratos etc. Inclusive, o empresariado tem utilizado de

Situação delicada, reconhece Dr. Laércio

“A situação atual dos comerciantes, principalmente os que não se enquadram como essenciais, se apresenta muito delicada. Temos inúmeras pequenas lojas fechando as portas. Isso tudo é muito triste, desolador. A prefeitura já trabalha um projeto para auxiliar os lojistas — solicitamos ao DAE [Departamento Municipal de Águas e Esgotos] para nos fornecer os CNPJ que se encontram em débito com a autarquia para podermos, de alguma forma, ajudar. Tam-

bém estamos trabalhando o Plano Municipal de Respostas aos Impactos Econômicos da Pandemia de Covid-19, com o objetivo de reaquecer nossa economia. Seguimos no enfrentamento, contando com o apoio e a colaboração desses lojistas que, apesar da gravidade financeira que enfrentam, em sua maioria, têm entendido que quanto mais rápido sairmos dessa situação, melhor para todos”.

Laércio Ribeiro (PT), prefeito de João Monlevade.

Com sinais de estabilidade, porém estagnados

Em Barão de Cocais, a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária (Acibac) e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), presididas pelo advogado Bruno Quintão, não registraram o encerramento de negócios na cidade, mas isso não significa que não há desafios para a sobrevivência. “Aqueles comércios que tiveram que fechar as portas no período do ‘lockdown’ estão tendo que se reinventar. Foi preciso cortar custos, demitir e buscar empréstimos para honrar as dívidas. A situação está muito difícil”, colocou Bruno.

Na opinião do dirigente, o comércio local não aguentará segurar as contas se novas

restrições vierem. Para auxiliar o setor, a Prefeitura de Barão de Cocais antecipou em abril o pagamento da primeira parcela do 13º salário. O funcionalismo municipal recebeu o benefício já corrigido com os 5,45% de reajuste salarial aprovado em março pela Câmara de Vereadores. Além disso, foi agendado para a folha de maio, o pagamento do retroativo do reajuste, referente aos meses de janeiro a março de 2021. A Prefeitura tem cerca de mil servidores. De acordo com a Assessoria de Comunicação do governo cocalense, a transferência antecipada do 13º salário injetou R\$ 1,2 milhão na economia da cidade.

Foto: Acom/Câmara Municipal de Barão de Cocais



O advogado Bruno Quintão, presidente da Aciabac, em visita ao presidente da Câmara Municipal, João Lima, no mês de fevereiro

Foto: Divulgação/Mel Santa Bárbara



A produção do mel de abelha é mercado potencial na região na Serra do Caraça, em Santa Bárbara

Na contramão da crise: pandemia eleva venda do mel santa-barbarenses

A venda do mel produzido em Santa Bárbara cresceu 32% durante a pandemia do coronavírus, calcula Renato Mackllani, empresário da marca que carrega o gentílico do município e atende a uma ampla cartela de clientes externos. A procura pelo mel orgânico e pela própolis, aponta o empreendedor, foi reforçada pela fama desses produtos em melhorar o sistema imunológico.

Estudos científicos demonstram que a própolis, por exemplo, é um aliado para evitar sintomas gripais mais graves. “Diferentemente de outros setores, tivemos um grande aumento na venda de nossos produtos a partir de março de 2020. E, neste ano, as vendas se mantêm fortalecidas. Eu associo o aumento nas vendas ao fato de que o mel orgânico e o extrato da própolis são produtos que ajudam o organismo a se defender de gripes e resfriados — provavelmente até do coronavírus”, disse.

Foto: Divulgação/Acisp



Em dezembro de 2020, Luiz Antônio recebeu moção de aplauso da Confederação Nacional de Dirigentes e Lojistas (CNDL), pela contribuição ao movimento lojista brasileiro

reservas financeiras pessoais e feito até a venda de patrimônio para não falirem”, afirma Luiz Antônio da Silva. Os comerciantes tiveram que se reinventar com a pandemia de Covid-19. Mas, não foi tão simples para os setores tradicionais levarem seus serviços para o e-commerce, comenta Luiz Antônio da Silva. Pelo contrário. Muitos dos empresários santa-barbarenses tiveram que entender e aprender como venderem de forma remota. “São necessários novos investimentos. No decorrer de 2020, com

as diversas restrições que sofremos, muitas de nossas empresas utilizaram de medidas mitigadoras disponibilizadas pelo Governo Federal (redução da jornada e salário, suspensão de contratos e linhas de crédito para pagar os funcionários). Inicialmente, ocorreram demissões devido às incertezas trazidas pela pandemia. Porém, passado o período crítico, ocorreram novas contratações e a recontração de funcionários demitidos”, ponderou o dirigente.



YouTube Metabase

inscreva-se www.youtube.com/metabaseitabira



Itabira ainda busca o equilíbrio entre prevenção e economia

Desde o início da pandemia, Itabira tem tentado encontrar o equilíbrio entre as medidas de enfrentamento ao vírus e o socorro à economia local

Em março de 2020, quando o novo coronavírus tomou o país, aconteceu o primeiro fechamento do comércio na cidade. A medida perdurou por 38 dias gerando prejuízos para a classe empresarial itabirana. A experiência fez com que os comerciantes temessem novas limitações às suas atividades. Comerciantes e empresários viveram, então, tentativas conturbadas de conciliar a prática comercial com os protocolos sanitários.

“Nós percebemos que foi um fechamento muito desorganizado e sem critérios. Alguns setores fechando des-

necessariamente, outros que precisavam de mais atenção e não a tiveram”, afirma Maurício Martins, empresário e presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Itabira (CDL-Itabira).

Com a virada do ano, o temor por um novo fechamento se concretizou. A chegada de 2021 trouxe a pior fase da pandemia em Itabira: disparada de casos e mortes pela doença; colapso do sistema de saúde; e 100% de ocupação dos leitos de enfermaria e Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Itabira estava na onda roxa e o comércio não essencial fechou as portas.

A medida deixou o empresário descontente. A CDL realizou uma pesquisa que apontou que até 200 empresas podem encerrar as suas atividades na cidade, provocando cerca de 1.200 demissões. O estudo indicou que 71,8% dos comércios itabiranos já demitiram ao menos um funcionário. “Esse fechamento causou um prejuízo muito grande, com pessoas sem salário”, alerta Maurício Martins.

Para Cidinha Lana, empresária e presidente da Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agropecuária de Itabira (Acita), a pandemia teve grandes impactos para

as empresas itabiranas, mas também pode ser um momento de oportunidade.

“Ainda não foi possível mensurar o impacto do fechamento do comércio. Sabe-se que houve significativa queda de faturamento na maioria dos segmentos, aumento da inadimplência, demissões, comprometimento da capacidade de pagamento de dívidas. Entretanto, em meio a tantas perdas, assistimos de perto alguns segmentos prosperando como nunca através do delivery e vendas on-line”, destaca Cidinha Lana.

O diálogo com o poder público é apontado pela presiden-

te da Acita como importante na busca desse equilíbrio entre a preservação da saúde e o resgate da economia. “Precisamos estar alinhados para definir planos estratégicos da retomada da economia de uma forma segura. Como consumidores, mudamos nossas preferências e hábitos de consumo. Cabe a cada empresa estudar e identificar como seus clientes estão se comportando e consumindo atualmente”, completa Cidinha Lana.

Agora, a Prefeitura de Itabira decidiu por migrar a cidade para a onda vermelha do Minas Consciente, onde é permitido

500 MB + Wi-Fi Total

VALNET

cobertura e estabilidade
por toda a sua casa.
contrate agora!

LIGUE GRÁTIS
106 38



*Consulte condições. Mediante viabilidade técnica.
Garantia de cobertura somente com Wi-Fi Total.
A Velocidade contratada dependerá da capacidade de cada dispositivo.

Foto: DeFato



Cidinha Lana, presidente da Acita Itabira, e Maurício Martins, presidente da CDL Itabira

o funcionamento de diversos segmentos comerciais e empresariais, desde que cumpram os protocolos sanitários. Com a

pandemia se estendo por mais de um ano, os empresários de Itabira têm buscado alternativas de venda que permitam

arcar com as despesas mensais dos seus negócios.

O empresário do ramo de calçados e vestuário Gustavo

Porto tem adotado reduções de despesas, o que também implica em diminuição em seu quadro de profissionais. “Enquanto não começarem a pensar em protocolos de abertura total das empresas de acordo com a realidade atual, não existe ‘luz no fim do túnel’. Pois onde só sai e não entra, a conta não fecha”, destaca Gustavo Porto.

A opinião é compartilhada pelo empresário do setor moveleiro José Augusto Valadares, que tem adotado um sistema de vendas on-line para aumentar o seu faturamento. Outras ações que vem recorrendo são o revezamento e redução de funcionários e a renegociação com fornecedores.

“Enquanto as empresas estiverem fechadas, não há expectativa de melhoras, mas a tendência é só piorar. Precisamos de mais apoio, senão

vamos ver várias empresas falidas”, avalia José Augusto.

Para Gil César Lopes, empresário do segmento de móveis e decoração, desde o ano passado a busca é por equilibrar receita e custos. Para isso, precisou reduzir o quadro de funcionários, além de recorrer a auxílios oferecidos pelo Governo Federal. Por outro lado, ele afirma que os investimentos no e-commerce, explorando ferramentas como o site da empresa e o marketplace, têm ajudado a vender no período de restrições ao comércio.

“Tivemos que diminuir custos, precisamos reduzir a equipe, com o corte de mais de 30 funcionários. Há mais de cinco anos investimos no e-commerce e isso nos ajudou a passar por esse momento ruim de lojas fechadas”, completa Gil César.



As salvaçãoes dos comerciantes em meio a pandemia: e-commerce e delivery

Comerciantes de João Monlevade e São Domingos do Prata disseram como foi o processo de adaptação ao modelo virtual de vendas

Foto: Divulgação



A pandemia do novo coronavírus vem causando estragos há mais de um ano. Milhares de vidas perdidas; sequelas emocionais, físicas e psíquicas; crises; tudo isso são sintomas desta doença. Ademais, o comércio precisou ser fechado para contingência do vírus, o que casou danos às famílias cuja fonte de renda provém de pequenos negócios, diretamente afetados pela pandemia. A saída, em meio aos decretos municipais e estaduais, foi somente uma: vender modo delivery, ou seja, entregando na casa do cliente.

Em João Monlevade, o microempreendedor Daniel Fonseca não viu outra opção em meio ao fechamento do mercado senão o delivery. Ele tem um negócio no ramo de venda de eletrônicos. “Eu comecei a ter prejuízos enormes. Tinha mercadoria toda estocada, mas não conseguia vender, é

algo que causa uma sensação horrível de impotência. A única, e possível saída, foi a criação do e-commerce, ou seja, a minha loja virtual no Instagram. E a opção de delivery, onde o motoqueiro terceirizado entrega o produto na casa do cliente”, relata Daniel.

O empresário se diz surpreso com a aceitação do público. “Eu já tinha uma página anteriormente, mas não era muito visitada, nem queríamos vender por ela, na verdade. Era mais uma forma de só ser visto para ser lembrado. Mas, com a estruturação que fizemos, a ampliação do marketing digital e o tráfego pago conseguimos um alcance muito significativo. Eu não esperava que fosse ser tão bem aceito”, finaliza o vendedor.

Edil tem uma pizzeria há mais de duas décadas na cidade. É uma referência quando o assunto é uma boa pizza. No entanto, nem mesmo quem

se destaca no ramo deixou de sofrer grandes consequências com a pandemia. “Minhas vendas caíram drasticamente no início. Eu não tinha atendimento por todas as redes sociais, somente telefone ou WhatsApp. Isso dificultou muito para quem não conhecia o meu serviço. Eles não conseguiam ver fotos das pizzas, o cardápio, e ficava difícil chegar até o novo cliente, aquele que não conhecia a minha pizzeria”, explica Edil.

A saída, assim como muitos, foi investir nas vendas online. Edil dedicou uma quantia para criarem páginas no Facebook, Instagram e atendimento personalizado no WhatsApp. “Foi a salvação do meu negócio em meio ao naufrágio que a pandemia apresentava. Eu sabia que precisava mudar. Sabia que meu negócio era arcaico no modo de atender e divulgar, mas a pandemia me impôs uma necessidade

imediata. Na verdade, foi bom passar por momentos difíceis para conseguir reinventar o meu negócio, que hoje vai bem”, finaliza.

Já Lidianne Santos cozinha dentro de casa. Ela faz marmiteix e vende para toda a cidade de São Domingos do Prata. Além disso, aos sábados, durante a pandemia, Lidianne foca na venda de frangos assados. Só que não foi fácil desde o início da pandemia. Por se tratar de um negócio local, vários clientes retiravam a marmiteix na porta da casa dela. Todavia, com os decretos e o avanço da pandemia, isso não era mais possível. Imediatamente a saída foi contratar um entregador, que trabalha todos os dias com ela.

“Foi a única saída encontrada para não falir o meu negócio. A necessidade das pessoas almoçarem todos os dias continuou existindo, mas não

podiam mais retirar na minha casa. Tive que ser ágil para não perder os meus clientes. Logo, contratei um entregador, que tem a moto própria. Graças a Deus foi a saída, deu muito certo. Mas passei dias assustada com o avanço da pandemia”, reitera Lidianne.

O método de venda utilizado por ela é através de ligação ou pedidos por WhatsApp. “Por se tratar de um negócio que está crescendo, esses são os métodos que o cliente consegue fazer o pedido. Eu não penso em colocar no iFood por agora, é algo que posso pensar futuramente. No momento, eu consegui driblar a crise que diversos microempreendedores estão passando. É algo muito difícil e torço para que todos consigam dar a volta por cima”, finaliza Lidianne.

Alta nos preços dos insumos de combate à Covid-19 afeta outros setores

Acréscimo nos valores das luvas e máscaras tem sido apontado como o mais alarmante

Um levantamento realizado pela Federação Brasileira de Hospitais Privados (FBH), mostrou que, com a pandemia da Covid-19, os insumos utilizados para a prevenção e cuidado dos casos da doença aumentaram 300% em seus preços.

Esse aumento significativo tem impactado não apenas a realidade dos hospitais, mas também de outras áreas dependentes destes insumos. Tatuadores e body piercings foram afetados. Estes profissionais utilizam os materiais descartáveis na prevenção de doenças transmissíveis, como aids, hepatite e outros. E na atual situação, também usam nos cuidados contra o coronavírus.

O tatuador itabirano Dério Di Carvalho conta que “é uma situação muito chata, pois tivemos que reajustar os valores dos nossos serviços e isso gera

um incômodo muito grande aos nossos clientes”.

Ele explica que até conseguiu manter os preços dos trabalhos no início da pandemia. Todavia, com a inflação, acabou não sendo possível manter por muito tempo. O também tatuador e body piercing, Evando Tetovski, contou que devido ao aumento nos valores dos insumos hospitalares, houve um acréscimo entre 10% e 20% no preço dos serviços. Ele ainda comentou que tais adições têm a ver com o fato de optarem por produtos importados para garantir qualidade na hora do atendimento e no resultado final.

“A realidade é que, para nós, tudo encareceu. Usamos vários produtos importados e descartáveis que acabam sofrendo a variação do dólar. Um dos que mais subiu foi a luva. A nitrílica, por exemplo, antes comprávamos por

R\$25,00 a caixa. Hoje está custando em torno de R\$ 140,00. É claro que nós sabemos da demanda dos hospitais, mas muitos comerciantes também parecem se aproveitar da situação. O jeito foi usarmos luvas de látex, que são menos resistentes, mas com um custo menor. Antes, elas custavam R\$19,00, a caixa. Na nossa última compra, pagamos R\$89,90”, informou o profissional.

Evando Tetovski esclareceu que o aumento tem sido prejudicial aos trabalhos. “Além dos materiais, também notamos um acréscimo nos preços de itens como energia elétrica. Além disso, infelizmente, muita gente perdeu o emprego. Motivo pelo qual tememos que baixe ainda mais a procura”, relatou.

Outro setor bastante impactado foi o de estética em geral. Na Espaçolaser, por exemplo, que muito antes da pandemia



Foto: Arquivo Pessoal

Dério e Evando sentiram diretamente no bolso o aumento dos insumos

já usava máscara, luvas e álcool 70% como EPI, foi preciso intensificar ainda mais os usos com a chegada da Covid-19.

A biomédica Tamires Janine Campos Gomes Santos, responsável pela Espaçolaser em Itabira, falou sobre as mudanças. “Com o aumento nos preços dos produtos, precisamos realizar algumas substituições e adaptações. Por exemplo, ao invés de utilizarmos as máscaras descartáveis, optamos pe-

las máscaras de tecido”, disse.

Tamires também pontuou a necessidade de se fazer estoque, devido a oscilação dos preços. “Hoje, fazemos as compras em quantidades bem superiores, pois o aumento acontece todos os dias. Já ocorreu de irmos a farmácia pela manhã comprar determinado material por um certo valor e a tarde ele já apresentar um custo diferente”, concluiu a biomédica.

AUTO PEÇAS
CENTRO AUTOMOTIVO

Ponto Certo
SEU LUGAR É AQUI



PNEUS



BATERIAS



TROCA DE ÓLEO



MÃO DE OBRA
QUALIFICADA



TROCA DE
PARA-BRISA



PEÇAS
MULTIMARCAS

JOÃO MONLEVADE - (31) 3851-7180
AV. ARMANDO FAJARDO, 3875
CRUZEIRO CELESTE

ITABIRA - (31) 3839-7979
AV. VER. OSÓRIO SAMPAIO, 228
VILA SANTA ROSA

PROTEÇÃO IMEDIATA
APÓS A CONTRATAÇÃO,
PARA CARROS
E MOTOS!



MAIS DE
12 ANOS
DE CREDIBILIDADE!
ASPROITA

Crescendo na crise: setores que estão com o foco no pós-pandemia

Ao longo dos quase 15 meses de pandemia, alguns segmentos se fortaleceram, outros se reinventaram e novos projetos surgiram para os empreendedores

Fotos: DeFato

A pandemia do coronavírus se tornou uma pedra no caminho da economia global. As inúmeras restrições impostas ao setor, por fatores que incluem a queda nas rendas familiares e o adiamento de diferentes investimentos e projetos, foram alguns dos contribuintes deste abalo.

A necessidade de isolamento social, na contenção da proliferação da Covid-19, fez com que as principais áreas da economia registrassem forte queda. E uma análise realizada pelo Itaú Unibanco (ITUB4), no final de 2020, mostrou que menos de 30% dos departamentos econômicos afetados pela pandemia conseguiram se recuperar.

Importante ressaltar que 2020 foi um ano em que ramos diversos precisaram se reinventar. E em 2021 não tem sido diferente. Contudo, mesmo após quase 15 meses imersos nessa nova realidade, é visível a dificuldade de muitas empresas, negócios e investidores em se adaptar ao cenário.

As recentes mudanças exigem hoje, mais do que sempre, uma visão estratégica dos empreendedores para que possam se redescobrir ou se reconstruírem em meio às novas necessidades. E houve quem conseguiu se destacar em meio à crise.

Novas aquisições e visão futura

A aquisição de negócios e propriedades é um movimento, ainda que bastante discreto, que tem ganhado forças nos últimos meses, por influ-

ência da pandemia do novo coronavírus. De acordo com o contabilista Geraldo Mateus Frias, tais investimentos não são uma tendência e ocorrem em casos específicos, onde o investidor entende que determinado ramo não acaba, mas se transforma.

“O que vem acontecendo são casos em que o empresário nos procura já buscando uma oportunidade em determinado mercado. Normalmente, o perfil desse investidor é de alguém que já atuou, ou atua, com certa intensidade no setor escolhido. Há também os que priorizam pontos comerciais que tenham mais movimento; ou aquelas que fecharam por não terem se adequado ao momento econômico. Esse é um movimento que vem acontecendo com uma certa demanda e, normalmente, essas operações são feitas pensando no pós-pandemia”, explicou o contabilista.

Geraldo Mateus também pontua que, muitas das vezes, os empreendedores optam por adquirir os negócios, mesmo que para mantê-los fechados ou parados. O foco está no potencial futuro que determinada empresa possa apresentar. Assim, os investidores a compram como parte de um ponto estratégico.

“Há aqueles que conseguem manter sua aquisição ou suas aquisições sem nenhuma atividade econômica durante algum tempo, mas sempre tendo em mente que ele poderá reativar determinado produto no momento mais pro-



Diversos espaços comerciais já estão disponíveis para serem alugados ou vendidos



pício. Isso vem acontecendo, principalmente, em atividades que foram mais comprometidas justamente por serem aquelas em que o proprietário já não possui mais meios suficientes para mantê-las. Assim, surge esse comprador que, devido às dificuldades do mercado, não vai demonstrar interesse nenhum em aquecer o negócio, mas sim em adquirir o produto em condições favoráveis à ele e reservá-lo por um tempo. Esse tipo de

investimentos abre outros leques de possibilidades como negociar aluguéis, rescindir contratos de trabalho e manter a estrutura para que ela possa ser lançada no pós-pandemia”, ponderou.

Dança das cadeiras

Outra característica que tem se mostrado bastante evidente no momento - e que nasceu, inclusive, em função das necessidades e não de um planejamento - é o que o

Geraldo Mateus define como “dança de cadeiras”. Segundo ele, tratam-se das mudanças que muitos negócios tiveram de fazer em relação ao seu ponto comercial.

“Quando a pandemia começou, a solução mais viável para alguns problemas foi a negociação direta com os proprietários dos pontos comerciais. Iniciamos uma realidade difícil. Então, o melhor a se fazer foi propor acordos. Contratos e pagamentos foram

suspensos, valores acabaram reduzidos e descontos foram conquistados. O ponto crítico disso tudo é que a pandemia se espalhou por um tempo bem maior do que o previsto inicialmente. Estamos há mais de um ano nessa situação. E acabamos de sair de um segundo lockdown, onde os comércios ficaram fechados por um mês, ou seja, são detalhes que vão impactar nos negócios de muitos empreendedores”, relata.

O contabilista também pontuou os desgastes que podem existir entre os empreendedores e os proprietários dos pontos comerciais ao longo de todos esses meses de pandemia. Geraldo Mateus explica que, dentro do mundo dos negócios,

o custo dos aluguéis é uma das cargas mais pesadas existentes. Algo que, com o tempo, pode se tornar um empecilho para as possíveis negociações.

“Inquilino com dificuldade com o aluguel, de administrar o custo do aluguel, tem sido uma realidade. Com o tempo, essa constância acaba sendo crucial na hora de possíveis negociações. Além disso, o fato do mercado estar hoje com um volume de ofertas de imóveis comerciais muito grande, acaba fazendo com que os estabelecimentos alterem o seu ponto de comércio. Isso é algo que vem sendo observado nos últimos meses”, detalha.

Outro fator de destaque na dança das cadeiras é o fato dos estabelecimentos

(muitas vezes de menor porte) estarem se instalando em locais tidos como mais nobres. Ali, eles contam com favorecimentos como giro de negócios e um aluguel muito mais em conta do que o ponto anterior. Esse é um quadro que Geraldo Mateus atribui à construção de uma nova relação. Trata-se de um acordo novo, um contrato novo e, também, do suprimento de uma determinada carência.

Estar em um lugar mais nobre, mesmo com o declínio do mercado gerado pelo desemprego, se torna - na maioria das vezes - a única solução para alguns estabelecimentos. “Não é uma tendência, pois a essa altura do momento econômico, muitos empresários já estão sem fôlego.

Mas, não deixa de ser uma solução em alguns casos, principalmente aqueles em que a relação inquilino-proprietário já está esgotada”, conta Geraldo Mateus.

Setores fortalecidos

Se para alguns setores a pandemia do coronavírus foi sinônimo de problemas e dificuldades, para outros ela se tornou solução. Segundo Geraldo Mateus, entre os segmentos que apresentaram bons resultados ao longo dos quase 15 meses dentro dessa nova realidade, estão os relacionados às mudanças, reformas e reparos nas residências. Ele explica que, impulsionadas pelo “faça você mesmo”, as pessoas decidiram se dedicar aos pequenos reparos domés-

ticos e pinturas. “O faça você mesmo veio para fortalecer os depósitos, as lojas de materiais de construção, materiais elétricos e outros”, lista.

A área da informática também tem sido vista com bons olhos nos últimos meses. Considerado como uma alternativa para muitos modelos de negócios, o segmento - que já era promissor - acabou crescendo ainda mais durante a pandemia. “A necessidade de reestruturar a parte de automação, de informática e de softwares se tornou muito presente. E isso fez, inclusive, com que aumentasse o número de empresas em função das novas demandas que surgiram. E desse novo modelo de execução”, concluiu Geraldo.

fideitabira.com.br

Grandes histórias
são escritas aqui

Lorena Bersan Cabral
Médica

Priscila Jardim Mariano Cabral
Engenheira de Produção

A Fide é a base de muitas histórias de sucesso, protagonizadas por grandes profissionais de Itabira e de toda a região.
Venha você também caminhar conosco, rumo as suas maiores conquistas!

(31) 3067-6767
Av. Carlos Drummond de Andrade,
549, Centro - Itabira/MG
/fideitabira

#EscolhaFide!

FIDE

Fugindo à regra, setor farmacêutico cresce em período de pandemia

Novos hábitos aqueceram a economia do setor, porém os balconistas lutam para receber a vacina contra Covid-19

Foto: DeFato

Desde que chegou ao Brasil, a pandemia gerou estragos incalculáveis. Vidas foram ceifadas e a economia, como um todo, tem sido muito afetada. No entanto, um setor, em específico, tem crescido diante deste cenário: o farmacêutico.

Entre janeiro e outubro do ano passado, o mercado farmacêutico registrou um crescimento de 13,6% em seu faturamento. Mais: de acordo com dados da IQVIA, foram movimentados R\$ 113,02 bilhões no mesmo período.

Em Itabira não foi diferente. Conversamos com três empresas que foram unâimes em dizer que o coronavírus não afetou negativamente as suas contas. Pelo contrário, os novos hábitos impostos pela pandemia e a necessidade de nos higienizarmos regularmente movimentou bastante a economia do setor.

Proprietária da Farmácia do Pará, a farmacêutica Jacqueline Carvalho relata que as incertezas que envolviam o início da crise do coronavírus tornaram as coisas difíceis no começo de 2020. Porém, as vendas começaram a aumentar à medida que os meses foram passando, embora enfrentem, vez ou outra, períodos de instabilidade.

“No início da pandemia, as vendas foram baixas, mas de julho pra cá tivemos uma alta. Porém, quando a cidade é fechada, como quando entramos na onda roxa, a gen-

te tem menos movimento na rua. Então, as pessoas vêm na farmácia pra comprar somente o que é necessário. Até porque já tem muita gente também que não está recebendo benefício, muitos desempregados. Com isso, as pessoas estão segurando mais dinheiro”, explica.

Jacqueline também acredita que a taxa de contaminação do coronavírus em Itabira obrigará esta curva de ascensão econômica a continuar durante muito tempo ainda.

“Eu acredito que esse crescimento da farmácia continue estável até, pelo menos, o final do ano. Creio que ele vai continuar crescendo porque a gente ainda está numa fase de muita contaminação, muitos pacientes ainda. Não temos nem 30% da população de Itabira contaminada, então acho que isso vai se estender por um período ainda. Acredito que irá durar até meados do ano que vem.”

Karina Ribeiro, proprietária de uma das lojas da Rede Minas Farma, em Itabira, explica que a Covid-19 fez crescer a venda de medicamentos não tão procurados anteriormente. Por outro lado, produtos de perfumaria deixaram de ser priorizados por muitos itabiranos.

“A venda de medicamentos cresceu muito. Mas, em contrapartida, a parte de perfumaria, itens de conveniência, higiene, não tivemos



Bons resultados durante a pandemia sinalizam crescimento do setor

uma venda expressiva, até porque o cliente não tem vindo na loja. Estamos fazendo atendimento pelo WhatsApp, mas não é a mesma coisa. Na loja, o cliente compra mais, vê o produto, é diferente de falarmos por telefone ou mostrar foto no WhatsApp.”

Segundo a empresária, a alta na venda de medicamentos de prevenção e combate à Covid-19 permitiu um equilíbrio financeiro à farmácia.

Um gestor de uma farmácia franqueada que preferiu não se identificar destaca outro fator importante nessa roda econômica: a demanda por tratamentos cuja eficácia contra a Covid-19 não é comprovada. Segundo ele, medicamentos como a ivermectina e a hidroxiquina têm sido muito procurados neste período.

“Produtos para aumento da imunidade, vitaminas, não eram tão procurados e cres-

ceram muito. No início da pandemia soltaram as fake news e aumentou-se muito a venda de ivermectina, hidroxiquina, produtos para tratamento que não tem comprovação científica. Com isso, esses medicamentos foram para o protocolo do Ministério da Saúde e aumentaram muito a venda. Só que, como a classe farmacêutica, a Anvisa e outros órgãos falaram sobre a questão do aumento da imunidade, a ideia de vitamina D, vitamina C, vitamina E, vitamina de A a Z, e isso teve um crescimento muito grande no início da pandemia”, conta.

Contudo, a alta procura fez com que, ainda em 2020, comessem a faltar vários medicamentos. Uma realidade que perdura até hoje.

“Existem muitos medicamentos que estão em falta no mercado, justamente por causa da demanda. Em

março passado houve uma demanda muito grande de álcool em gel. Eu, por exemplo, era o único que tinha álcool gel em Itabira. Aí vendi não apenas para pequenos consumidores, como também para empresas como a Vale e outras cidades como Mariana. Assim, consegui capitalizar isso”, explica o gestor.

Vacinação dos balconistas

Peças importantes na engrenagem farmacêutica, balconistas de farmácias itabiranas tem lutado para serem incluídos nos grupos prioritários da vacinação contra a Covid-19. O principal argumento da classe é de que eles são, muitas vezes, o primeiro contato de um infectado pelo vírus.

Balconista, desde 2010, Dirce Assis é uma das que brigam pela causa. Segundo ela, a irresponsabilidade de alguns contaminados é outro

fator que os coloca em risco constantemente.

“Atendemos todos os dias clientes infectados ou parentes de clientes infectados. Eles deveriam estar em casa de quarentena, mas, muitas vezes, preferem comparecer pessoalmente na farmácia. Na maioria das vezes, já saem dos consultórios médicos ou hospitais e vão comprar seus medicamentos. Somos as primeiras pessoas depois dos médicos com quem eles têm contato”, ressalta.

Dirce conta que ela e seus colegas já procuraram o poder público para buscar uma solução contra o problema. Porém, nenhum tipo de resposta foi

dados até o momento.

Samara de Melo protesta no mesmo sentido. Balconista desde 2015, ela diz que, assim como farmacêuticos, enfermeiros, médicos ou qualquer outro profissional da área da saúde, sua classe também é muito importante e necessária. Vivendo, diariamente, na corda-bamba do vírus, Samara conta que já viu vários dos seus colegas serem contaminados.

“Presenciei vários colegas de trabalho contaminados, perdendo parentes próximos. Temos medo de voltar para casa e levar risco à nossa família. Temos, sim, o direito à vacina, precisamos de mais proteção. Levantar

todo dia com medo de atender clientes contaminados não é fácil, mas nunca deixamos de atender bem porque sabemos que eles precisam de nós. Pedimos já, aflitos, a vacina, precisamos de mais cuidados conosco. Estamos com medo.”

A angústia também é dividida por Jacqueline Jacques, proprietária da Farmácia do Pará. De acordo com a farmacêutica, 90% dos seus funcionários já contraíram o coronavírus, e falta um posicionamento oficial da Prefeitura sobre esta situação.

“A Prefeitura de Itabira ainda não disponibilizou vacina para nenhum funcionário da

farmácia, a não ser o farmacêutico. Eles alegam que os demais funcionários, como balconistas e caixas, não têm função essencial. Porém, te digo que na minha loja 90% dos funcionários já foram contaminados e até hoje a Prefeitura não nos deu um retorno a respeito de quando eles serão vacinados. Já estamos sabendo que existem faxineiras, recepcionistas que já foram vacinados. E

nós que recebemos os pacientes que saem direto do hospital não fomos imunizados ainda e não tem uma previsão.”

Foto: Arquivo Pessoal



Dirce tem lutado pela vacinação dos balconistas

TEMPO DE

ABRAÇAR

A SI MESMO

PELA SUA SAÚDE. POR VOCÊ.

7 de abril Dia Mundial da Saúde

Unimed Itabira

ANS- 33551-7

Apesar da pandemia, setor mineral arrecada R\$ 70 bi no primeiro trimestre de 2021

Considerado atividade essencial pelo Governo Federal, o setor mineral não parou durante a pandemia do Covid-19

Foto: DeFato

A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) causou impactos negativos em diversos setores econômicos no Brasil. A mineração, porém, não foi um deles. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), as mineradoras faturaram R\$ 70 bilhões somente no primeiro trimestre de 2021 — um crescimento de 95% se comparado com o mesmo período em 2020, quando o faturamento ficou em R\$ 36 bilhões.

O minério de ferro é responsável por 70% desse faturamento, o ouro por 11%, o cobre por 5% e a bauxita por 2%. Minas Gerais foi o segundo estado com maior participação no faturamento das empresas mineradoras, correspondendo a 40% do montante. Ficando atrás apenas do Pará, que responde por 44% do faturamento. Outros estados brasileiros, que contam com atuação de mineradoras, representam 16% do bolo.

Além disso, conforme estimativa do Ibiam, a produção mineral deve crescer 15% no primeiro trimestre deste ano em relação a igual período de 2020. Esse desempenho reflete diretamente na arrecadação de tributos. Somente nos três primeiros meses de 2021, o setor recolher R\$ 24 bilhões em impostos — o dobro do ano passado, quando esse número ficou em R\$ 12 bilhões.

Desse total de R\$ 24 bilhões, a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), o chamado royalty da mineração, cresceu de R\$ 1 bilhão para R\$ 2 bilhões se comparados os primeiros trimestres de 2020 e 2021.

Com aumento de produção, Vale apoia iniciativas contra a Covid-19 em Itabira

Em seu relatório de produção do primeiro trimestre de

2021, a Vale apontou alta de 14,2% na produção do minério de ferro se comparado com o mesmo período do ano passado. Porém, se compararmos com o último quadrimestre de 2020, houve uma queda de 19,5% — o que pode mudar no decorrer deste ano.

O resultado, em parte, se deve ao fato de que a mineração é considerada serviço essencial, o que permite às empresas do setor seguir com as suas atividades mesmo durante a fase mais severa da Covid-19 em todo o país. Por outro lado, conforme destaca a Vale, a retomada da mina de Timbopeba e da usina de pelotização de Vargem Grande também estão entre os fatores que explicam o crescimento produtivo nos três primeiros meses de 2021.

Diante do quadro de crescimento, a empresa tem apoiado iniciativas de enfrentamento à Covid-19 em municípios que atua. Em Itabira, como suporte à Prefeitura, financiou a abertura de 20 leitos no Hospital Nossa Senhora das Dores (HNSD), uma das duas instituições hospitalares da cidade que atendem pelo Sistema Único de Saúde (SUS) — um projeto que conta com a parceria da SanosMed, empresa especializada em gestão de saúde.

“Desde o início, temos apoiado a cidade no enfrentamento da pandemia. Estamos atentos às necessidades dos territórios onde atuamos, buscando desenvolver ações que melhorem a qualidade de vida das comunidades e promovam desenvolvimento, alinhadas ao propósito da Vale de novo pacto com a sociedade. Em nossas operações, mantemos a guarda alta”, afirma Daniel Daher, gerente executivo do Complexo Itabira.

A mineradora também doou dez cilindros de oxigênio ao HNSD, além de ter destinado,

em 2020, 1,6 milhão de itens de EPIs para a instituição hospitalar — sendo 8.400 kits de testes rápidos para Covid-19, 238 mil máscaras cirúrgicas, 8 mil máscaras N95, 37.200 aventais, 200 óculos e 1,3 milhão de luvas descartáveis.

Paralisação da Vale em 2020 gera prejuízos para Itabira

Em maio de 2020, por determinação da Superintendência Regional do Trabalho, a Vale teve as suas atividades suspensas em Itabira devido ao alto número de casos positivos registrados entre os trabalhadores da empresa.

A iniciativa buscava resguardar a saúde dos funcionários do setor, além de conter a propagação do vírus. Por outro lado, causou prejuízos para a prefeitura na arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM). Segundo estimativa apresentada pela Prefeitura de Itabira em junho de 2020, as perdas com a paralisação da Vale chegaram a R\$ 12 milhões.

Operações da Anglo ajudam a manter arrecadação de Conceição do Mato Dentro

O grupo de mineração Anglo American, que atua em Conceição do Mato Dentro, teve aumento de 3% da sua produção no primeiro trimestre de 2021 em comparação ao mesmo período em 2020. Somente a exploração de minério de ferro subiu 1% no início deste ano.

O crescimento das operações, mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia de Covid-19, contribui para que Conceição do Mato Dentro mantenha a sua arrecadação e, com isso, possa desenvolver projetos visando o bem-estar da sua população.

“Diferentemente de muitos



Exploração da Vale, na Mina do Cauê, em Itabira

municípios mineiros, Conceição do Mato Dentro é uma das principais cidades mineradoras e continuamos com as arrecadações. É o que tem contribuído, nos permite continuar movimentando o município e garantindo assistência aos cidadãos, sobretudo, em saúde pública,” avalia Zé Fernando, prefeito de Conceição do Mato Dentro.

ArcelorMittal e o lucro da mineradora em Monlevade

Procurada pela DeFato, a Assessoria de Comunicação da ArcelorMittal deu um panorama sobre a produção de mineração da Mina do Andrade, localizada em Bela Vista de Minas.

“O volume de produção da Mina é de 1,5 milhão de toneladas/ano. Este projeto Itabirito foi inaugurado em 2020. Por meio da nova planta de beneficiamento, o minério produzido passa por um processo de enriquecimento do teor de ferro e garante o padrão necessário à produção de aço de alta qualidade. A empresa investiu R\$ 133 milhões na ampliação, que vai proporcionar um aumento da vida útil de 40 para 56 anos, chegando até 2062”.

Atualmente, a Mina do Andrade conta com 368 empregados diretos e 128 indiretos.

“No ano passado, a empresa recolheu mais de R\$ 1 milhão de impostos (ISS, ICMS E ITR), fez compras na ordem de R\$ 46,9 milhões (muitas com fornecedores locais) e direcionou cerca de R\$ 217 mil em projetos sociais. Em apoio ao combate à pandemia do coronavírus, a Mina do Andrade realizou ainda doações de material hospitalar à Prefeitura Municipal e o repasse de recursos às associações locais. Outros R\$ 33 mil foram aplicados em programas de educação ambiental”, finaliza a nota.

O prefeito de João Monlevade, Dr. Laércio Ribeiro (PT), declarou a importância da empresa para a geração de empregos do município.

“A história da usina da ArcelorMittal se confunde com a da nossa cidade. João Monlevade surge com o desenvolvimento econômico gerado pela usina.

Atualmente, a unidade continua tendo papel preponderante para economia do município pela quantidade de empregos gerados direta e indiretamente. A empresa veio em socorro do Hospital Margarida, em pelo menos duas ocasiões: uma no ano passado, com doações que permitiram a implantação do setor de Covid-19 no hospital, e este ano, possibilitou a ampliação do setor”, finaliza Laércio.

Novos projetos alavancam emprego em Barão de Cocais

Barão de Cocais vem conquistando licenciamentos ambientais decisivos para alavancar, ainda mais, a exploração do minério. São exemplos as autorizações para a Mina da Cava da Divisa, da mineradora Vale; para a expansão da Mina do Baú, da empresa MR Mineração; e para um empreendimento da GSM Mineração.

A exploração trafega em via oposta àquela em que tantos setores amargam as consequências trazidas pela pandemia. Movimentos sociais, inclusive, indicam que o setor é um motor de propagação da Covid-19 – entre expoentes da militância está o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM).

A Vale conduz os principais investimentos da área em Barão de Cocais e cidades vizinhas. Aliás, centenas de

trabalhadores voltaram a desembarcar na região: a mineradora informa que já empregou 3.250 profissionais em projetos que beneficiam o município, no âmbito econômico.

“Estão em fase de execução, no complexo Brucutu e Água Limpa, o projeto de implantação da barragem Torto e o programa de filtragem de rejeitos, que são importantes para a continuidade operacional da mina Brucutu. A construção da barragem, em etapa única, iniciou em 2019 e já foram criados mais de 750 postos de trabalho. Já as obras de filtragem foram iniciadas no ano passado e criados cerca de 2.500 vagas”, destaca a Vale.

Contracena

Do outro lado do progresso, Barão de Cocais vive à sombra das tragédias onde a lama da mineração arrastou quase 300

vidas, nas cidades mineiras de Mariana e Brumadinho. Em solo cocaiense está a barragem Sul Superior da Mina de Gongo Soco, com risco iminente de ruptura, e a barragem Norte Laranjeiras, com operações suspensas.

“Os preparativos para a descaracterização da barragem Sul Superior já foram iniciados e a contenção da estrutura está concluída. Essas duas ações representam mais segurança para as comunidades próximas e um importante passo para que as pessoas impactadas de Barão de Cocais retomem suas rotinas”, defende a empresa.

A Vale também comentou programas sociais para minimizar danos em Barão de Cocais. “Ao mesmo tempo, os empreendedores locais ganharam um programa específico para as características regionais de incentivo à economia e geração de renda, o Projeto



Mina do Sapo, em Conceição do Mato Dentro, explorada pela Anglo American

Horizonte. As 163 famílias realocadas das zonas de autossalvamento das barragens Sul Superior e Norte Laranjeiras, estão em moradias escolhidas por elas próprias, com custeio de despesas fixas, cesta básica e gás feito pela Vale. Elas são assistidas pela equipe especializada em Relacionamento com a Comunidade e acompanhadas pelos profissionais do Progra-

ma Referência da Família, com cerca de 45 mil atendimentos psicossociais realizados. Paralelamente, o Plano de Compensação e Desenvolvimento segue avançando. O plano foi construído e é conduzido junto com as comunidades e o poder público, levando em conta as vocações do município para seu desenvolvimento”.

ONDA ROXA

AMPLIAÇÃO DE LEITOS



A Prefeitura de Conceição do Mato Dentro está se empenhando para abrir novos leitos exclusivos para tratar pacientes com Covid-19. Atualmente, na UPA Dr. Juvêncio Guimarães temos 6 leitos de UTI para pacientes que precisam de intubação, 8 leitos ativos para pacientes com quadro semicrítico e, caso necessário, pode chegar em 11 leitos de Terapia Intensiva.

O Hospital Imaculada Conceição oferece mais 9 leitos ativos de enfermaria para pacientes com quadro leve ou moderado, podendo chegar à capacidade de 27 leitos clínicos.

Para evitar o colapso no sistema de saúde, a Prefeitura vai inaugurar mais um Centro de Referência a Casos Suspeitos de Covid-19 no antigo CVT para atendimento ambulatorial e coleta de exames de RTPCR.

O aumento dos leitos mostra a dedicação e o trabalho da Prefeitura para combater o vírus e cuidar de você e da sua família. Mas ainda é preciso seguir todas as medidas de segurança, como o uso de máscara e o distanciamento social.

Se esgotarmos essa cota de novos leitos, não será possível atender a nossa população e nem contarmos com os municípios vizinhos. Faça a sua parte e seja consciente.



Conceição DO MATO DENTRO

PREFEITURA MUNICIPAL • 2021- 2024
JUNTOS POR UM NOVO TEMPO



BOMBOU NA WEB

www.defatoonline.com.br

Foto: Carol Vieira/DeFato



CDL afirma que comércio itabirano pode sofrer até 1.200 demissões

A Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) de Itabira afirma que ouviu todos os comércios locais sobre o impacto econômico trazido pela pandemia de Covid-19, sobretudo durante as restrições vigentes desde março no município. O levantamento da entidade de classe indica que até 200 empresas podem fechar de vez, provocando cerca de 1.200 demissões.

A pesquisa foi realizada entre 29 de março e 6 de abril. De acordo com o mapeamento, no primeiro ano da pandemia “31,78% das empresas já fecharam ou encerrarão as suas atividades”.

Em meio à crise, comerciantes de Itabira se unem por reabertura de estabelecimentos

Ganho quase zero, endividamento e funcionários demitidos são os principais relatos que vêm dos comerciantes de Itabira, com as portas fechadas desde 8 de março na mais severa onda de Covid-19 que atingiu a cidade.

O setor implorava pela reabertura e pedia socorro à Prefeitura. No entendimento de pequenos e médios empresários, o varejo passou a ser visto como o vilão da pandemia, embora o protagonismo das filas de banco, dos supermercados lotados e das aglomerações clandestinas siga em cena.

Foto: Arquivo/DeFato



Em meio ao coronavírus, repúblicas de Ouro Preto procuram saídas para não falirem

A pandemia vem causando estragos em Ouro Preto. Além de ser uma cidade histórica, turística e visitada por diversas pessoas, quase 20 mil estudantes moram em terras ouro-pretanas. Aí surgem as famosas repúblicas, onde estudantes se juntam para morar e dividir as contas da residência, tendo em visto o custo benefício.

Todavia, a Covid vem acabando com muitas dessas “famílias”. O aluguel das casas particulares está sendo cobrado, mas os estudantes não estão na residência (pois não estão tendo aulas presenciais).

Foto: Sem crédito



Foto: Arquivo/DeFato



Itabira decide migrar para onda vermelha no final do mês de abril

Um dia depois do Governo de Minas Gerais manter a microrregião de Itabira na onda roxa do programa Minas Consciente, a prefeitura municipal, em decisão própria, optou por migrar para a onda vermelha do protocolo estadual de enfrentamento à Covid-19. O decreto com as novas medidas foi publicado no dia 24 de maio e passou a valer a partir do dia seguinte. Em comunicado oficial, a Prefeitura de Itabira afirmou que a mudança de onda foi favorecida pela melhoria dos índices da pandemia na cidade, como abertura de novos leitos de UTI e enfermaria, queda no ritmo de infecção e diminuição na média móvel de casos e óbitos confirmados.